

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

RAÚL RUIZ — A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE II)

20 de Março de 2018

COLLOQUE DE CHIENS / 1977

um filme de RAÚL RUIZ

Realização: Raúl Ruiz *Argumento:* Nicole Muchnik, Raoul Ruiz *Fotografia:* Denis Lenoir, Manuel Otéro *Som:* Michel Villain *Montagem:* Valeria Sarmiento *Guarda-roupa:* Fanny Lebihan, Yves Hersen *Música original:* Jorge Arriagada *Assistente de realização:* Michel Such *Interpretação:* Eva Simonet (Henri), Silke Humel (Monique), Frank Lesne, Marie-Christine Poisot, Hugo Santiago, Geneviève Such, Michel Such, Pierre-Olivier Such, Yves Wecker, Raoul Ruiz, Robert Darmel (voz off versão francesa), Michael Graham (voz off versão inglesa).

Produção: Filmoblic (França, 1977) *Director de produção:* Hubert Niogret *Cópia:* 35mm, cor, versão em francês legendada electronicamente em português, 22 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição* na Cinemateca: 2 de Junho de 2018 (“24 Imagens: Cinema e Fotografia | Géneros do fotográfico” / com LO SCEICCO BIANCO de Federico Fellini).

COLLOQUE DE CHIENS é apresentado com MENSCH VERSTREUT UND WELT VERKEHRT de Raúl Ruiz (“folha” distribuída em separado).

Foto-romance soa melhor do que *fotonovela* pela simples razão de que a fotonovela se associa, desde há alguns anos, o tipo de folhetins televisivos popularizados em Portugal via Brasil a que o termo também se emprega. Nascidas no pós-guerra em Itália, e muito populares na Europa mediterrânica até aos anos 60/70, as originais fotonovelas caíram em desuso, mas assim se chama às histórias em quadradinhos de imagens fotográficas nas quais o texto se imprime sob a forma de legendas ou em balões, dando asas a uma sentimentalidade cor-de-rosa de peripécias rocambolescas. Como Fellini captou em LO SCEICCO BIANCO levantando o voo da imaginação da jovem protagonista encantada pelo herói de papel dos seus sonhos folhetinescos, e fazendo-a participar de uma sessão fotográfica ao ar livre com uma praia perto de Roma a servir de deserto às aventuras das arábias que as câmaras fotográficas captam em poses de congelamento histriónico.

COLLOQUE DE CHIENS inscreve-se neste universo, buscando-lhe o dispositivo formal, o mesmo é dizer filmado por Raúl Ruiz como uma fotonovela e apropriadamente seguindo uma narrativa folhetinesca. Deste modo, participa do universo dos *foto-filmes* vindo de LA JETÉE de Chris Marker (1962), ou seja, é maioritariamente composto por imagens fixas cuja narrativa é comentada por uma voz *off*, fazendo da relação entre a fixidez e o movimento das imagens uma parte fundamental da sua própria matéria, a que o texto sublinha o teor narrativo. No caso de COLLOQUE DE CHIENS, a banda sonora dá relevo à voz *off* mas também ao ladrar dos cães dos subúrbios parisienses a cujo *colóquio* o título alude, pondo em marcha a história aos quadradinhos e desfecho em círculo da tragédia sanguínea de uma criança adoptada que cresce com um desejo de vingança, por onde passam a questão da identidade, o homicídio, a sexualidade, a prostituição, a alteração de género – qualquer semelhança com as recorrências do universo de filmes de Raúl Ruiz é capaz de não ser pura coincidência. Os cães ladram, não porque a caravana passe, mas porque, tudo indica, são eles a comentar a história traduzida nas palavras do narrador. As imagens filmadas em acção real que pontuam o filme em diversos momentos (filmadas num canil em Gennevilliers) são as que dão a ver a paisagem da cidade e sobretudo os cães e os seus latidos no papel de um coro grego de cordel, como a história.

Os vários elementos de COLLOQUE DE CHIENS concorrem na exaltação do aspecto irrisório da literatura de cordel reconstituída em cinema. Mesmo se isso implica a neutralidade do tom do *off*, em acordo com a tradição fotonovelesca das revistas francesas *Déetective* ou *Nous Deux*, a que Ruiz vai buscar referências para a intriga, distanciando-se das personagens para, como muitos viram no filme, compor um exercício de complexidade teórica sob uma mais prosaica aparência. A repetição, a recorrência, a reprodução de gestos configuram as voltas e contravoltas da intriga visualmente construída para a seguir e para expor o seu próprio fabrico.

Maria João Madeira